

ENTRE O BATENTE E O GRITO: resistências possíveis no cotidiano do trabalhador em letras de canção

BETWEEN THE TOIL OF LABOR AND THE SCREAM: possible forms of resistance in the worker's everyday life in song lyrics

Jayne Barbosa de Melo¹

jaynebpmelo@gmail.com

Orientadora: Josi Maria Silva Belo²

josi.belo@garanhuns.ifpe.edu.br

RESUMO

Este artigo analisa as letras das músicas “Rodo Cotidiano” (O Rappa), “Be Myself” (Charlie Brown Jr.) e “Stab” (Planet Hemp) como formas de resistência diante da alienação, do esgotamento e da opressão do cotidiano laboral. Considera-se a canção popular urbana uma linguagem literária que expressa experiências coletivas e críticas sociais. O objetivo é analisar como essas canções denunciam a lógica produtivista e constroem discursos de contestação. Especificamente, busca-se: investigar como os sujeitos líricos narram a insatisfação com a vida urbana; interpretar o desejo de autenticidade frente às pressões sociais; e refletir sobre a canção como crítica sociopolítica e forma de resistência cultural. O estudo fundamenta-se nos conceitos de literatura de resistência (Bosi 1992 e Gonçalves e Bonnici, 2005), literatura de testemunho e escrivivência (Seligman-Silva, 2005 e Silva Belo, 2020), articulando tais referenciais à análise textual e temática das letras, mas que também se expandem para o cotidiano em leituras contemporâneas, como as tratadas em Silva (2020). Conclui-se que essas composições atuam como dispositivos de contestação e elaboração simbólica da experiência do trabalhador urbano.

Palavras-chave: Literatura de resistência. Canção popular urbana. Alienação. Contestação.

ABSTRACT

¹ Pós-graduanda em Linguagem e Práticas Sociais pelo IFPE – Campus Garanhuns. Graduada em Pedagogia (2019) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG).

² Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (2020). Professora e pesquisadora do IFPE – Campus Garanhuns.

This article analyzes the lyrics of the songs “Rodo Cotidiano” (O Rappa), “Be Myself” (Charlie Brown Jr.), and “Stab” (Planet Hemp) as forms of resistance to alienation, exhaustion, and oppression in everyday working life. Urban popular song is understood as a literary language that expresses collective experiences and social criticism. The objective is to examine how these songs denounce productivist logic and construct discourses of contestation. Specifically, the study seeks to: investigate how lyrical subjects narrate dissatisfaction with urban life; interpret the desire for authenticity in the face of social pressures; and reflect on song lyrics as sociopolitical critique and as a form of cultural resistance. The study is grounded in the concepts of literature of resistance (Bosi, 1992; Gonçalves and Bonnici, 2005), literature of testimony and *escrevivência* (Seligmann-Silva, 2005; Silva Belo, 2020), articulating these theoretical frameworks with the textual and thematic analysis of the lyrics, while also engaging with contemporary readings that extend these discussions to everyday life, as proposed by Silva (2020). It is concluded that these compositions function as devices of contestation and symbolic elaboration of the urban worker’s experience.

Keywords: Resistance. Urban popular song. Alienation. Contestation.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, em seu sentido mais amplo, ultrapassa os limites das formas mais reconhecidas pelo cânone e alcança espaços onde a vida pulsa com mais intensidade. Nas ruas, nos transportes públicos, nos “guetos” apertados, nas caixas de som e nas ausências do Estado, afloram narrativas que expressam as inquietações dos sujeitos que são submetidos a rotinas exaustivas, relações de trabalho alienantes e pressões sociais cada vez mais intensas. Esses sujeitos, que muitas vezes não apenas estão inseridos em contextos de miséria extrema, mas também vivem experiências de esgotamento físico, emocional e simbólico que os atravessam cotidianamente. A canção popular, sobretudo as que são produzidas em contextos urbanos, torna-se uma ferramenta privilegiada de expressão e de resistência.

Entende-se aqui que a letra de canção pode ser compreendida como texto literário, capaz de elaborar experiências sociais e históricas por meio da linguagem. Mesmo analisada fora de sua realização musical, conserva marcas de oralidade, repetição e condensação expressiva que não a afastam da literatura, mas a aproximam de tradições voltadas à denúncia e à resistência. Ao assumir esse recorte, privilegia-se a letra como espaço de enunciação coletiva, no qual se inscrevem vivências ligadas ao cotidiano do trabalho e às tensões que dele decorrem.

A escolha do tema está vinculada à experiência concreta da pesquisadora enquanto estudante e estagiária, travessada por deslocamentos diários em transporte público que ampliavam o cansaço físico e mental já imposto pela rotina acadêmica. A vivência do tempo perdido, do sufocamento e do desgaste cotidiano revelou como essas dinâmicas atingem trabalhadores em diferentes contextos urbanos, não apenas nos grandes centros. Ao refletir sobre as letras analisadas, o estudo não delimita um trabalhador específico por região, mas reconhece uma experiência que tende a se normalizar e a se expandir socialmente, o que torna a

leitura crítica e a solidariedade formas de resistência antes que esse sofrimento se imponha como regra silenciosa.

Este artigo propõe uma análise das letras das músicas “Rodo Cotidiano” (O Rappa), “Be Myself” (Charlie Brown Jr.) e “Stab” (Planet Hemp) – todas disponíveis para leitura nos Anexos A, B e C, respectivamente – como expressões artísticas que retratam denúncias sobre a exaustão, a alienação e a busca por autenticidade em um mundo que exige produtividade e conformismo. Essas canções, ao abordar temas como a rotina, o tédio, a violência simbólica e a sensação de deslocamento, não apenas traduzem vivências particulares, mas constroem um discurso coletivo de contestação, os quais ancoram-se em Bosi (1992), na chamada literatura de resistência. Ao mesmo tempo, tais letras dialogam com a ideia de escrita de si (Klinger, 2015) e com debates sobre testemunho que, inicialmente, surgem em estudos voltados para experiências traumáticas e limites da linguagem, como propõe Seligmann-Silva (2003), mas que também se expandem para o cotidiano em leituras contemporâneas, como as de Silva (2020), quando mostram que há dores silenciosas que igualmente precisam ser narradas.

Vivemos um tempo marcado por profundas transformações nas formas de trabalho, nos ritmos de vida e nas exigências de desempenho. O cansaço, a ansiedade e o sentimento de inadequação tornaram-se experiências compartilhadas por sujeitos que, mesmo não estando à margem da sociedade, sentem-se estranhos dentro dela. Esses sentimentos, frequentemente silenciados, encontram espaço na arte para ganhar voz, ritmo e forma. A leitura da canção popular como objeto de análise literária ainda encontra resistências que, muitas vezes, revelam um preconceito simbólico persistente, segundo o qual a produção literária escrita ocuparia um lugar de superioridade em relação à lírica da música popular.

Como observa Conforte, “subjaz um recorrente preconceito: o de que a produção literária seria necessariamente superior à produção lírica da música popular” (2019, p. 544). O autor reconhece que a letra de canção se constitui sob condições específicas, marcadas pela relação com a melodia, uma vez que “o fato de que a letra de canção irá, no mais das vezes, se submeter à melodia, é um fator de diferenciação fundamental” (Conforte, 2010) o que implica compreender que determinadas escolhas formais e recorrências discursivas respondem menos a critérios da poesia escrita e mais às exigências expressivas próprias da letra da canção.

Partindo desse entendimento, o presente trabalho assume conscientemente a análise das letras de canção como textos verbais atravessados por experiências coletivas de esgotamento, alienação e desejo de autenticidade.

A escolha das canções não é aleatória: O Rappa, Charlie Brown Jr. e Planet Hemp são grupos que, cada um a seu modo, alcançaram grandes públicos e construíram representações que dialogam com os dilemas urbanos do Brasil das últimas décadas. “Rodo Cotidiano” retrata a circularidade exaustiva da vida metropolitana, marcada por trabalho, transporte e cansaço. “Be Myself” apresenta o conflito interno de um sujeito que tenta ser ele mesmo em meio a comportamentos, escolhas e modos de viver que não correspondem ao que ele deseja ou sente. “Stab” explicita, de modo radical, a frustração resultante de um sistema de opressões diversas, apostando num tom direto e cortante que transforma indignação em palavra. Em todas essas composições, há o que se pode chamar de literatura da palavra nascida do vivido, uma forma de narrar que denuncia, afirma e resiste.

Este artigo tem como objetivo analisar como as letras de canções citadas expressam formas de resistência frente à alienação, ao esgotamento e à opressão

do cotidiano do trabalhador, destacando a canção popular urbana como importante forma de contestação social. Especificamente, busca-se: a) investigar como os representados na figura do eu-lírico expressam a insatisfação com a lógica do trabalho e da vida urbana; b) interpretar o desejo de autenticidade frente às exigências de produtividade; e c) refletir sobre a canção urbana como forma de crítica sociopolítica e resistência cultural.

A metodologia adotada baseia-se na análise interpretativa das letras das músicas mencionadas, cruzando-as com referenciais teóricos que compreendem a arte como prática de resistência.

A fundamentação teórica está ancorada nas reflexões de Bosi (1992), especialmente quando discute a literatura de resistência como forma de consciência crítica e resposta ética às forças opressoras; de Gonçalves e Bonnici (2016), tomamos emprestada a ideia de resistência como denúncia daquilo que se torna insuportável para compreender as letras de canção aqui estudadas como textos que expõem, pela linguagem, formas cotidianas de opressão e silenciamento. Também buscamos respaldo no conceito de “escrita de si”, de Klinger (2015), segundo o qual a enunciação do sujeito é apontada como um gesto de construção identitária atravessado pela experiência vivida, o que permite apreender as letras analisadas como formas de afirmação de si diante de contextos de desgaste, silenciamento e pressão cotidiana; e nas contribuições de Silva (2020) sobre testemunho e subjetividade na literatura. A análise textual busca revelar como cada letra constrói sua denúncia, sua dor e seu desejo de ruptura, configurando-se como espaço de expressão de uma coletividade que, mesmo sem gritar, insiste em dizer.

2. A LITERATURA COMO RESISTÊNCIA SIMBÓLICA

Para Bosi (1992), a literatura de resistência é aquela que, em vez de repetir os códigos e valores dominantes, opõe-se a eles — seja por meio da denúncia explícita, da ironia, da tensão formal ou da memória insurgente. Ao afirmar que “a resistência é uma forma de consciência crítica e criadora” (Bosi, 1992, p. 318), o autor nos convida a pensar a arte como luta diante da opressão cotidiana. A literatura que resiste não precisa, necessariamente, ser militante; ela pode se revelar na maneira como expõe uma subjetividade ferida, uma vivência desajustada ou um corpo que não se adequa aos ritmos impostos pela vida urbana.

Essa concepção se alinha com a proposta deste trabalho, uma vez que as músicas escolhidas expõem, de maneira direta ou figurada, as tensões de sujeitos atravessados por jornadas de trabalho esgotantes, frustrações silenciosas e uma constante sensação de deslocamento. A letra de “Rodo Cotidiano”, por exemplo, constrói sua crítica a partir da repetição: “era o rodo cotidiano”, expressão que, mais do que nomear a rotina exaustiva e repetitiva, marcada por deslocamentos forçados e pela sensação de viver sempre o mesmo dia, denuncia sua naturalização. Nesse contexto, o cotidiano se torna uma máquina que desgasta, e o sujeito que canta é aquele que, mesmo sem saída, insiste em permanecer visível dentro da própria rotina, retomando sua experiência pela palavra e transformando o que seria apenas cansaço em narrativa.

A resistência, portanto, não se limita a uma rebeldia, ela se realiza também na persistência em narrar aquilo que é, muitas vezes, considerado indigno de ser narrado. Como argumentam Gonçalves e Bonnici (2016), a literatura de resistência “não se define apenas pelo conteúdo temático, mas pela forma como tensiona os códigos sociais e estéticos do discurso hegemônico” (p. 360). Essa ideia amplia a

potência interpretativa das canções analisadas, ao tratar da dor silenciosa, do desconforto existencial e da vontade de ser outro, essas letras nos apresentam uma resistência íntima, mas profundamente política.

2.2 Testemunho cotidiano e ética da escuta

A discussão sobre testemunho na literatura começa a ganhar força com autores como Seligmann-Silva, que estuda relatos ligados a acontecimentos traumáticos e explica como eles rompem a fronteira do que conseguimos narrar, apontando uma diferença importante entre o testemunho usado como prova jurídica e o testemunho que aparece na literatura, quando alguém tenta dar forma a uma experiência extrema, lidando ao mesmo tempo com memória, linguagem e trauma (Seligmann-Silva, 2003).

Partindo desse entendimento mais amplo, trabalhos recentes, como os de Silva (2020), vão deslocando essa ideia para o cotidiano, reconhecendo que nem toda violência é espetacular ou histórica, e que há dores silenciosas que também pedem voz. Assim, quando olhamos para as canções analisadas aqui, o testemunho não surge como relato de um grande evento, mas como tentativa de dizer aquilo que se acumula todos os dias no corpo e na mente do trabalhador, revelando uma experiência de resistência que acontece justamente ao transformar o vivido comum em narrativa.

No caso das canções estudadas, o testemunho surge como forma de registrar uma experiência coletiva de exaustão. Os sujeitos que cantam não reivindicam heroísmo; eles apenas sustentam a própria voz em meio a rotinas que pressionam e desgastam. Esse testemunho não nasce da espetacularização da dor, e sim da insistência em dizer o que pesa e do desejo de que essa palavra seja finalmente ouvida. Como observa Silva (2020) “para além da superfície do texto há um algo mais que, inevitavelmente, irá vincular a obra literária a um fora que lhe é intrínseco”, e é nesse vínculo entre linguagem e experiência que as canções revelam uma memória que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva.

2.3 A escrita de si e o desejo de autenticidade

A escrita de si, mais do que uma forma autobiográfica, é uma prática de subjetivação, o sujeito que escreve sobre si se constitui no ato de se dizer. Essa escrita é, portanto, sempre um gesto de construção de identidade, mas também de resistência a uma identidade imposta. Klinger argumenta que “a escrita de si é sempre, em alguma medida, escrita do outro — pois o sujeito se constrói em relação” (2015, p. 10).

Nas letras das canções analisadas, há um “nós” cansado, indignado que continua resistindo pela ironia, pelo grito ou pela repetição da dor. As canções passam a funcionar como pequenos arquivos afetivos e políticos, capazes de reorganizar o cotidiano que tantas vezes é esvaziado de sentido. O que era rotina ganha voz própria, uma voz que incomoda, que pede atenção e que, acima de tudo, insiste em existir.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O corpo exausto na engrenagem do transporte e da pressa

“Rodo Cotidiano”, lançada em 2003 no álbum *O silêncio que precede o esporro* da banda O Rappa, insere-se em um contexto de desgaste social herdado da década de 1990 e de expectativa de mudanças no início dos anos 2000. Apesar do novo cenário político, o cotidiano dos trabalhadores permanecia marcado por precarização, longos deslocamentos e jornadas exaustivas. A banda, conhecida por seu olhar crítico sobre as desigualdades brasileiras, constrói na canção um cenário de aperto, pressa e sobrevivência diária.

No trecho “Não se anda por onde gosta / Mas por aqui não tem jeito / Todo mundo se encosta”, observamos que o deslocamento não se dá por prazer ou vontade, o caminho é determinado pela lógica da sobrevivência.

O verso “todo mundo se encosta” traduz, ao mesmo tempo, a realidade física de um transporte público lotado e a metáfora da proximidade forçada: corpos amontoados, mas isolados em suas urgências.

Já em “Ela some é lá no ralo de gente / Ela é linda, mas não tem nome / É comum e é normal”, temos uma imagem poderosa que associa o transporte público a um sistema de escoamento, de desperdício de humanidade. A beleza (“ela é linda”) é tragada pela multidão; o que é belo torna-se anônimo. A vida, nesse cenário, é rebaixada ao comum e ao normal, o extraordinário se dissolve no ordinário da rotina. Esse esvaziamento simbólico dialoga com o que Silva (2020) discute sobre o corpo em situação de opressão, pois comprehende que a escrita do corpo é uma forma de resistência, pois emerge de tensões vividas e busca reorganizar o que a experiência fragmenta o que ajuda a compreender esse trecho como expressão de um cotidiano que apaga, mas que ainda tenta se recontar.

“Como um concorde apressado cheio de força / voa, voa mais pesado que o ar / E o avião, o avião / o avião do trabalhador”. A imagem do “concorde” — avião supersônico — contrasta com a realidade do trabalhador. O concorde voa com força, mas aqui a imagem é subvertida, esse avião “do trabalhador” voa “mais pesado que o ar”, quase antinatural. O deslocamento é forçado, sofrido, impossível de ser leve. O triplo uso da palavra “avião” no verso final intensifica a repetição, o ritmo apressado, quase ofegante. Não há tempo para respirar – o verso corre como corre o trabalhador entre conexões, horários, metas, cansaços.

Ao trazer uma imagem coletiva de exaustão urbana, a canção oferece um testemunho poético da rotina que não permite pausa, sonho ou escolha. Como observam Gonçalves e Bonnici (2016), há momentos em que apenas constatar já é um gesto de tensão, pois “o discurso que apenas constata já tensiona, pois interrompe a normalização daquilo que é cruel” (p. 365). Trata-se de uma expressão do sufocamento, do corpo transportado como carga, do tempo tomado como mercadoria. E, ainda que sem gritar, essa canção diz: isso não é normal, mesmo quando todos fingem que é.

4.2 Subjetividades forjadas na falta: quando a dor educa e perpetua

“Be myself” faz parte do álbum “Ritmo, ritual e resposta”, lançada pelo grupo Charlie Brown Jr. em 2007, momento em que a trajetória do vocalista Chorão marcado por conflitos pessoais, tensões com a exposição pública e uma insistente reflexão sobre identidade e pertencimento. A canção não responde a um evento específico, mas elabora, pela linguagem, a experiência de um sujeito formado em

meio a faltas e pressões constantes, reforçando o desejo de permanecer fiel a si mesmo diante de trajetórias instáveis, tornando-se também um sentimento coletivo. Na canção, o sujeito fala de um percurso marcado pela ausência de apoio, pela convivência com a criminalidade e pela busca por sentido em meio ao caos.

O trecho “Acostumado desde cedo com a desgraça / Um subnutrido / Vítima da farsa”, projeta a imagem de um sujeito formado na ausência, na violência e na negligência coletiva, rompendo com a ideia de que o sofrimento é evento. O sujeito não encontra a dor, ele cresce com ela, molda-se com ela, convive com ela como parte do seu cotidiano.

Em seguida, há o trecho “Se formou na escola do crime / Hoje o oprimido é quem opõe”. O autor constrói, com versos curtos e impactantes, um retrato da perpetuação da violência estrutural, mas não o faz sem crítica. Quando afirma que o sujeito “se formou na escola do crime”, não há escola de fato, há sobrevivência. Como Silva (2020) discute como a ausência de redes de acolhimento impacta a constituição subjetiva, fazendo com que a resistência se construa de modo atravessado pela dor e pela dureza das experiências vividas.

A imagem mais forte talvez seja construída no verso “Uma alma carregada de ódio e amor / Mas muito mais ódio que amor”, já que sintetiza a contradição interna de um sujeito esvaziado pelo sistema, mas ainda humano, dividido entre o que sente e o que teve que se tornar. Neste verso está contida uma espécie de escrevivência urbana, na qual há alguém que resiste, mesmo que tomado pelo que odeia.

No trecho, “Só mais um de milhares que se espalham / Vítima dos nossos governantes que falharam”, o sujeito não está só, é um entre milhares. Essa generalização não esvazia sua dor, antes amplia sua urgência. A letra denuncia a ausência do sistema político, sem vitimismo, mas com clareza. O “governante que falhou” é a imagem institucional da ausência de futuro. Esse trecho também dialoga com a ideia de resistência silenciosa e sofrida. Como afirmam Gonçalves e Bonnici (2016) que “a resistência não se dá apenas na revolta, mas também na capacidade de nomear aquilo que o poder tenta calar” (p. 370).

4.3 Constatar e resistir: a consciência como contracultura lírica

No álbum *A Invasão do Sagaz Homem Fumaça*, lançado nos anos 2000, a música “Stab” da banda Planet Hemp, insere-se no período que foi marcado pelo desgaste do discurso político institucional durante o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso. A referência direta à repetição dos “Fernandos” explicita uma percepção de continuidade das estruturas de poder, que a canção traduz em tom crítico e irônico, elaborando um sentimento de frustração diante da distância entre a política formal e a experiência cotidiana da população.

A canção foi lançada após um período marcado pelos mandatos de Fernando Collor (1990–1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995–2002). A repetição de “Fernando” sugere uma sensação de continuidade de problemas sociais que atravessam diferentes governos. Essa ideia reforça o desgaste coletivo e a percepção de que, apesar das trocas no poder dos cargos de presidência da República, o cotidiano dos trabalhadores segue marcado por pressões, ausências e tensões.

De acordo com Gonçalves e Bonnici (2016, p. 366), a literatura de resistência atua como uma “interrupção”, tendo como principal característica o ato de denunciar o insuportável, ainda que não apresente soluções imediatas. Nesse sentido, a letra da canção ora citada pode ser compreendida como uma forma de denúncia que se aproxima desse conceito, ao evidenciar tensões que rompem com a passividade.

Embora estes autores desenvolvam o conceito de literatura de resistência a partir da análise de textos inseridos em contextos históricos específicos da literatura brasileira, a noção de resistência como gesto de interrupção e denúncia permite um diálogo produtivo com o presente estudo. Nos termos dos autores, a resistência não se define pela proposição de soluções ou pela militância explícita, mas pela capacidade de tornar visível aquilo que se tornou insuportável e foi naturalizado pelo discurso hegemônico. É nessa dimensão que o conceito se aproxima das letras de canção analisadas, uma vez que elas não formulam projetos políticos, mas expõem, pela linguagem, a manutenção da opressão, o esvaziamento da consciência crítica e a aceitação forçada de desigualdades estruturais. Assim, o deslocamento do conceito para o campo da canção urbana não apaga seu contexto original, mas amplia sua aplicação ao reconhecer a denúncia cotidiana como forma legítima de resistência simbólica.

Já em “Tão impressionante quanto o b-boy rodando / Não deixo queimarem o meu filme / Eu tô sempre me valorizando”, o eu-lírico desloca o foco para a afirmação do sujeito que resiste à lógica do apagamento cotidiano. Este se recusa a ser desfigurado por um sistema que o vê apenas como força de trabalho. “Não deixo queimarem o meu filme” é a expressão simbólica de alguém que, apesar das pressões externas, ainda se reconhece como pessoa e não apenas como engrenagem.

Essa valorização pessoal, longe de ser um gesto individualista, é um ato de sobrevivência subjetiva diante de um mundo que cobra produtividade, submissão e silêncio. Ela representa a resistência cotidiana de trabalhadores e trabalhadoras que, mesmo exaustos, recusam-se a perder sua dignidade e sua história. Como nos lembra Seligmann-Silva (2003) “a resistência que se ergue no cotidiano é a mais silenciosa, mas também a mais contínua: ela não brada, mas sustenta”.

Os versos “Revolução / Quem sabe faz na hora e fica antenado / Nem tudo o que reluz é ouro e nem televisionado” reforçam a ideia de que a resistência verdadeira é cotidiana, crítica e silenciosa. O eu lírico propõe uma revolução subjetiva e coletiva que não depende de espetáculo. É um tipo de resistência que se constrói com consciência, como Bosi afirma que “resistir é, antes de tudo, perceber o cerco. E só a consciência permite o primeiro movimento de ruptura” (1992, p. 322).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CANTAR PARA NÃO SE CALAR

Ao longo deste artigo, buscamos compreender três letras de canções brasileiras do rock e do rap que se configuraram como formas contemporâneas de literatura de resistência. Partimos da hipótese de que essas composições, embora circulando fora do espaço literário institucionalizado, expressam com força e densidade as experiências de sujeitos submetidos a uma rotina opressora, à alienação produtiva e ao apagamento de sua autenticidade.

Mais do que letras de corpus, os textos analisados funcionam como testemunhos poéticos de uma subjetividade coletiva exausta. Cada canção, a seu modo, registra o cotidiano como espaço de desgaste, seja no transporte público lotado, na exaustão mental de quem vive entre o sonho e o colapso, ou na consciência crítica de quem percorre sua vida sem perder de vista sua origem e seu destino. O que se apresenta como arte sonora é, na verdade, um dispositivo de constatação e denúncia: um grito contido que se dá na forma de ritmo, de verso, de melodia.

Foi possível perceber que o conceito de resistência não se restringe ao enfrentamento direto, mas também à persistência do dizer: a palavra que não se

cala mesmo em meio ao ruído; a narrativa que se constrói mesmo quando ninguém parece escutá-la. E é justamente aí que reside a força da canção como literatura, porque nos textos analisados, ela exprime o que dói, o que pesa, o que sufoca. E ao cantar, transforma. Em um mundo em que o tempo parece sempre correr mais do que a vida, essas canções nos forçam a pausar. E nessa pausa, talvez, habite o maior gesto de resistência: constatar, lembrar, sentir e seguir com consciência.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BONNICI, Thomas; GONÇALVES, Luiz. O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira. **Revista Letras**, Curitiba, n. 91, p. 361-376, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307324855004>. Acesso em: 21 nov. 2025.

CHARLIE BROWN JR. Be Myself. In: **Camisa 10 joga bola até na chuva**. Sony Music, 2009. 1 CD, faixa 5 (4min).

CONFORTO, André. **Tradução de poema e de letra de canção**: um estudo de casos. In: CONFORTO, André; CORREIA, Claudio (Orgs.). **Semiótica, pesquisa e ensino. Comunicações**. Volume 1. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019.

SILVA BELO, Josimere Maria da. **Hermilo Borba Filho [manuscrito]**: escrita do corpo, performance da escrita e resistência em “Um cavalheiro da segunda decadência”. 2020. 233 f. Manuscrito. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/3650/2/TESE%20%20JOSIMERE%20MARIA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

KLINGER, Diana. A escrita de si: o retorno do autor e o testemunho. **Revista Estudos Literários**, Araraquara, v. 47, n. 2, p. 99-116, 2015.

O RAPPA. Rodo Cotidiano. In: **O silêncio que precede o esporro**. Warner Music Brasil, 2003. 1 CD, faixa 4 (6min).

PLANET HEMP. Stab. In: **A invasão do sagaz homem fumaça**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2000. 1 CD, faixa 5 (4min).

ANEXOS

ANEXO A – RODO COTIDIANO (O RAPPA)

Ô ô ô ô my brother (4x)

É

A ideia lá comia solta
 Subia a manga amarrrotada social
 No calor alumínio
 Nem caneta nem papel
 Uma ideia fugia
 Era o rodo cotidiano
 Era o rodo cotidiano

Espaço é curto, quase um curral
 Na mochila amassada, uma quentinha abafada
 Meu troco é pouco, é quase nada
 Meu troco é pouco, é quase nada

Ô ô ô ô my brother (4x)

Não se anda por onde gosta
 Mas por aqui não tem jeito, todo mundo se encosta
 Ela some é lá no ralo de gente
 Ela é linda, mas não tem nome
 É comum e é normal
 Sou mais um no Brasil da central
 Da minhoca de metal que corta as ruas
 Da minhoca de metal

É, como um concorde apressado, cheio de força
 Que voa, voa mais pesado que o ar
 E o avião, o avião, o avião do trabalhador

Ô ô ô ô my brother (4x)

É, espaço é curto, quase um curral
 Na mochila amassada, uma vidinha abafada
 Meu troco é pouco, é quase nada
 Meu troco é pouco, é quase nada

Não se anda por onde gosta
 Mas por aqui não tem jeito, todo mundo se encosta
 Ela some é lá no ralo de gente
 Ela é linda, mas não tem nome
 É comum e é normal

Sou mais um no Brasil da central
 Da minhoca de metal que entorta as ruas

Da minhoca de metal que entorta as ruas
 Como um concorde apressado, cheio de força
 Voa, voa mais pesado que o ar
 E o avião, o avião, o avião do trabalhador

Ô ô ô ô my brother (4x)

Fonte: Letras.Mus. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-rappa/79783/> .
 Acesso em: 18 nov. 2025.

ANEXO B – BE MYSELF (CHARLIE BROWN JR.)

Charlie Brown!

O que vale nessa vida é o que se vive é o que se faz
 Mas o que pode se esperar de uma pessoa que não pode sonhar

Como ele pode ter o que ele está tão longe
 Na vitrine coisas que ele nunca vai poder ter
 Se ninguém o ajudar o que ele vai fazer?
 Onde vai morar e o que vai ser quando crescer?
 Quando vem da rua, que é sua,
 Que é minha, que é de ninguém
 É tudo uma ilusão e você sabe muito bem
 Impunidade, hipocrisia, dançam de mãos dadas
 O hino nacional de uma nação condenada

A sociedade prega o bem
 Mas o sistema só alimenta o que é mal
 Se a nossa cara é prosperar, o povo tem que evoluir também

Quase de manhã, mais uma noite no vazio
 Me auto-desafio, lá fora o mundo louco
 Sem perdão nem compaixão
 A combustão em rota de colisão
 A sinfonia da destruição
 Vivendo o sonho e também o pesadelo
 Vendo o mundo regredindo entre a fé e o dinheiro
 Saudades do meu pai e dos amigos que morreram
 Mas o que o velho me ensinou eu jamais me esqueço
 Seja lá como for, na vida tudo tem seu preço
 No mundo, o falso e o verdadeiro se confundem
 Mas os que sabem jamais se iludem
 Não é fácil encontrar o caminho
 Mas é bom olhar pro lado e ver que não estou sozinho...

Todo o mal que é dirigido a nós
 Nos fortalece e eu não vou desistir
 (O que vale nessa vida é o que se vive é o que se faz)
 Nas armadilhas que eu cai
 Eu fiquei só e ninguém viu

(O que vale nessa vida é o que se vive é o que se faz)

O que pode se esperar de um ser humano perdido?
 Que ele viva como nunca fosse morrer?
 Ou que ele morra como nunca tivesse vivido?
 O que pode se esperar de uma pessoa que não pode sonhar

I wanna think about tomorrow
 'Cause tomorrow
 I want to be with you
 Don't wanna live in quite sorrow
 But that's the way the world will follow
 It's all in my mind
 Just wanna be myself for sometimes
 Just wanna be myself

Acostumado desde cedo com a desgraça
 Em temporada de caça, um subnutrido
 Vítima da farsa, se formou na escola do crime
 Hoje o oprimido é quem opõe
 Uma alma carregada de ódio e amor
 Mas muito mais ódio que amor
 O aluno e também o professor
 Que ensina qualquer um que não sabe dar valor
 A vida que tem ou à casa que mora
 Que vive sorrindo enquanto ele chora
 Só mais um de milhares que se espalham
 Vítima dos nossos governantes que falharam

Todo o mal que é dirigido a nós
 Nos fortalece e eu não vou desistir
 (O que vale nessa vida é o que se vive é o que se faz)
 Nas armadilhas que eu cai
 Eu fiquei só e ninguém viu
 (O que vale nessa vida é o que se vive é o que se faz)

I just wanna be myself...
 Yeah! Yeah!
 Play your position
 'Cause the world does the man
 Little kids visions
 May my sins be forgiven
 Gotta have faith so
 You can do what you wanna do
 Gotta be this way
 So don't fool
 'Cause the world is Cruel?
 Live by the sword, then you die by the sword
 When I'm asking for peace in the middle of a war
 Between blacks and whites, between rich and poor

So we can stop the mess overseas and all

Trabalho muito, vivo a vida
 Skateboard estilo de vida
 Um brilho intenso e a humildade de uma mente evoluída

Fonte: Letras.Mus. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/charlie-brown-jr/1101247/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ANEXO 3 – STAB (PLANET HEMP)

Eu me apresento em alto e bom som para que todos possam ouvir
 Cara sagaz e cascudo, direto do Andaraí
 Eu vou do M para o A, para o R, para o C
 Para o E, para o L, para o O, espaço, D2
 Sempre representando o hip hop
 Não tem Faustão, nem Gugu, eu sou o primeiro do Ibope
 Revolução, eu vou fazer de maneira diferente
 Tiro o ódio do coração e tento usar mais a mente
 Botam barreiras no caminho, mas sou persistente
 Posso cair, mas me levanto e sigo em frente
 Seguro a bronca, dou um dois e mantendo calma
 Se eu vacilar, um filho da puta rouba a minha alma

Entra Fernando e sai Fernando e quem paga é o povo
 Que pela falta de cultura, vota nele de novo
 E paga caro, com corpo e com a alma
 E entrega na mão de um pastor pra ver se salva
 Com a barriga vazia não conseguem pensar
 Eu peço proteção a Deus e a Oxalá
 De infantaria que eu sou e tô na linha de frente
 Rio de Janeiro, fim de século, a chapa tá quente!

Vários irmãos se recolhem e vão em frente
 Vários também escravizam sua mente
 Eu sei bem, quebro a corrente onde passo
 E planto a minha semente
 Gafanhotos nunca tomam de quem tem
 Predadores, senhores que mentem
 Esperem sentados a rendição
 Nossa vitória não será por acidente

Voltar rimando na batida, cumpadi, é só pra quem pode
 Corpo fechado, rima acesa, cumpadi, ninguém me fode
 O bumbo bate forte, só escapa quem tem sorte
 Misturo hip hop e samba com sangue da Zona Norte
 Tão impressionante quanto o b-boy rodando
 Não deixo queimarem o meu filme, eu tô sempre me valorizando
 Revolução? Quem sabe faz na hora e fica antenado
 Nem tudo o que reluz é ouro e nem televisionado

Eu tô de aqui de passagem, mas não vim a passeio
 De ciclos em ciclos, percorro o meu caminho sem receio
 O meu discurso tem recheio, acerto em cheio
 E creio que o nosso destino final é estar em paz no seio do universo
 Campo de visão aberto
 Minha serenidade, eu conservo com versos
 Converso com meus netos, como preto velho que sou
 Sei daonde vim e sei pra onde vou
 Na moral!
 Com papel e caneta, te forneço o material pra feitura do seu alvará de soltura
 espiritual
 Não cesse suas preces!
 Pensamentos negativos são como fezes: infestam todo o lugar
 À procura de alguém que os considere, que os preze
 Por isso delete informações desse naipes do seu leque
 E siga para o alto, ao som hipnótico do stab!

Eu levo a vida e não sou levado por ela
 Na luta, um bom guerreiro nunca amarela
 Pra mim poder crescer, não me deixe enlouquecer
 Só você sabe o que é melhor para você
 Eu ergo o peito e vou em frente na parada
 Não sou controlado e durmo com alma lavada
 Eu sigo o meu caminho, tranquilo e sozinho
 Eu mato a cobra e ainda dou bico no ninho

Vários irmãos se recolhem e vão em frente
 Vários também escravizam sua mente
 Eu sei bem, quebro a corrente onde passo
 E planto a minha semente
 Gafanhotos nunca tomam de quem tem
 Predadores, senhores que mentem
 Esperem sentados a rendição
 Nossa vitória não será por acidente

Represento o que sou, com quem ando, onde vou
 Traço bem meu caminho, Hip Hop Rio!
 Represento o que sou, com quem ando, onde vou
 Traço bem meu caminho, Hip Hop Rio!

Fonte: Letras.Mus. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/planet-hemp/76617/>.
 Acesso em: 25 nov. 2025.